

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

JUNE RUEGGER CORTES NEVES

**UM OLHAR SOBRE A ANCESTRALIDADE BORUM-KREN:
Registros fotográficos de um povo indígena em retomada, que carrega seu território no
corpo, por todos os espaços que ocupam**

Ouro Preto

2025

JUNE RUEGGER CORTES NEVES

UM OLHAR SOBRE A ANCESTRALIDADE BORUM-KREN:

Registros fotográficos de um povo indígena em retomada, que carrega seu território no corpo,
por todos os espaços que ocupam

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso Jornalismo da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Lara Linhalis Guimarães

OURO PRETO
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N513o Neves, June Ruegger Cortes.

Um olhar sobre a ancestralidade Borum-Kren [manuscrito]: registros fotográficos de um povo indígena em retomada, que carrega seu território no corpo, por todos os espaços que ocupam. / June Ruegger Cortes Neves. - 2025.

34 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Antropologia. 2. Fotografia. 3. Indígenas Borum-Kren. I. Guimarães, Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.044(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa - CRB6/1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

June Ruegger Cortes Neves

**Um olhar sobre a ancestralidade Borum-Kren:
registros fotográficos de um povo indígena em retomada, que carrega seu território no corpo, por todos os espaços que ocupam**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 21 de agosto de 2025

Membros da banca

Dr(a). Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a), Universidade Federal de Ouro Preto

Dr(a). Ana Carolina Lima Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr. Evandro José Medeiros Laia - Universidade Federal de Ouro Preto

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/01/2026



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/01/2026, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1047587** e o código CRC **8DD60EDE**.

RESUMO:

Composta pelos povos indígenas da região dos Inconfidentes, a comunidade Borum-Kren luta diariamente contra o apagamento histórico e, consequentemente, encontra diversos obstáculos no caminho em direção ao marco territorial. Formado em 2019, o coletivo se reconheceu mediante o contato com os mais velhos, que tinham lembranças ancestrais e puderam, assim, se nomear como o povo Borum-Kren e iniciar o processo de etnogênese, no qual se reafirmam como comunidade indígena. O projeto em questão propõe um trabalho que conceba visibilidade à comunidade, como um livro fotográfico no qual imagens e textos intercalados vão contar a história das pessoas e dos costumes que constroem o que os Borum-Kren são hoje. O objetivo é que, com este material, de abordagem fotográfica e antropológica, a comunidade se veja unida em um lugar, enquanto o marco territorial não se concretiza

Palavras-chave: Borum-Kren; Etnogênese; Fotografia; Antropologia

ABSTRACT:

Formed by the Indigenous people from the Inconfidentes region, the Borum-Kren community fights daily against historical erasure and, consequently, faces several obstacles on their path towards territorial recognition. Established in 2019, the collective recognized itself through contact with the elder generations, who held ancestral memories and were able to name themselves as the Borum-Kren people, thus beginning the process of ethnogenesis, in which they reaffirm their identity as an indigenous Indigenous community. The project in question proposes a work that provides visibility to the community, such as a photographic book where images and texts interspersed will tell the story of the people and customs that shape who the Borum-Kren are today. The goal is that, with this material, which combines photographic and anthropological approaches, the community will see itself united in one place while awaiting the realization of territorial recognition.

Keywords: Borum-Kren; Ethnogenesis; Photography; Anthropology

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Materiais para a confecção das flechas	23
FIGURA 2 - Manuseio das futuras flechas	23
FIGURA 3 - Os adornos	24
FIGURA 4 - Confecção das flechas	25
FIGURA 5 - Canto de saudação	26
FIGURA 6 - Na escuta	26
FIGURA 7 - Plateia da mesa de abertura	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. Fotografia e antropologia	10
2.2. Comunidade Borum-Kren e o processo de etnogênese	16
3. PROCESSO PRODUTIVO	21
3.1. A concepção	21
3.2. Diário de produção	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um produto fotográfico pensado a partir da iminente necessidade de atribuir maior visibilidade à comunidade Borum-Kren, que vem lutando por seu reconhecimento contra o apagamento histórico, de maneira mais efetiva, desde 2019. A ideia surgiu a partir do meu interesse e atuação profissional na área da fotografia em conjunto com os estudos de etnografia e cultura ancestral que me tocaram desde os primeiros contatos. Sendo assim, quando soube da existência do povo Borum-Kren, população indígena da região dos Inconfidentes, me surpreendi com tão pouca visibilidade atribuída a eles, passei então a cogitar possibilidades de contribuir com o movimento de maior reconhecimento da comunidade, o que fez nascer a ideia aqui apresentada.

Por meio de conversas e troca de ideias com o cacique Danilo Borum-Kren pude tornar concreto o projeto que até então era apenas um conjunto de ideias. Segundo ele, iniciativas que contribuam para que o reconhecimento da comunidade na região cresça são sempre bem vindas e, por isso, o projeto haveria de ser bem recebido pelos demais representantes do movimento. A partir daí pude tornar sólido o objetivo do meu produto, de ser um material que apresente, visualmente, a existência desse povo.

Além disso, junto da luta pelo reconhecimento crescente está a busca pelo marco territorial, já que o povo da comunidade se encontra espalhado pela região de Ouro Preto, Mariana e Itabirito e seus respectivos distritos, enquanto o processo de demarcação de terra não se concretiza. Pensando nisso, outro objetivo principal deste projeto é o de reunir alguns desses sujeitos em um só lugar, sendo este lugar, de forma simbólica, o livro aqui proposto. Essa ideia é também o que vai guiar toda a construção da narrativa do material, como se servisse de representação do momento em que, quiçá, estarão reunidos em seu território conquistado.

Desde o início do projeto me mantive em diálogo com o Danilo, porém, para que fosse possível o resultado que desejava foi preciso que eu me conectasse com os demais parentes Borum-Kren, que vivem distribuídos pelos municípios de Ouro Preto, Mariana e Itabirito com respectivos distritos. A maioria deles encontrei em seus ambientes de trabalho, em Ouro Preto mesmo.

Portanto, pensando nesse objetivo pude ter este contato com alguns desses parentes e integrantes do movimento em uma roda de conversa que aconteceu em janeiro de 2025, na Casa de Cultura Negra de Ouro Preto. Na ocasião, foi discutida a realização em andamento do longa-metragem “Um lugar Borum-Kren”, dirigido por Maíra Lana. A produção do filme

conta com objetivos e justificativas muito semelhantes ao meu projeto, com o diferencial da linguagem audiovisual, ao invés de fotográfica. Pude então apresentar minha ideia e receber o retorno imediato dos indígenas que estavam presentes e, felizmente, fui muito bem recebida com a minha proposta.

Durante a discussão foi muito abordado, pelos parentes presentes na ocasião, o processo de se reconhecerem como indígenas Borum-Kren e sobre a caminhada que a comunidade vem trilhando rumo à retomada de terras e ao reconhecimento regional. Foi possível compartilhar sobre o primeiro contato dos participantes do evento com a existência de indígenas na região dos Inconfidentes e, neste momento, debatemos sobre o quanto desconhecida pela população a comunidade ainda é, o que coloca o projeto do longa-metragem e da minha presente proposta como ainda mais relevantes perante o movimento.

Parte do referencial teórico que apresento está reservado ao conceito de “etnogênese”, o qual consiste justamente nesse processo em que populações indígenas ameaçadas pelo apagamento histórico e pela ausência de território buscam seus direitos de existir, sem interferir em outros processos paralelos de resistência de outras etnias. Esse conceito é trabalhado com definição pelo historiador e antropólogo José Maurício Arruti, em sua análise publicada no livro “Povos Indígenas no Brasil” (2001). De forma sucinta, a etnogênese se trata de um processo social associado à construção de identidades e à resistência diante da iminente violência e apagamento históricos. Ao passo que a comunidade passa por esse processo, identidades coletivas são construídas e fortalecidas frente ao desrespeito e afronta constantes de forças externas.

Pretendo abordar e ilustrar todos esses fatores por meio da linguagem fotográfica. Por esse caminho, no referencial teórico constam as ideias que contemplam a junção da fotografia com a antropologia. Uma vez que as fotografias foram feitas durante o contato com a comunidade, em um processo no qual busquei conhecer a essência e os indivíduos que dela fazem parte, recorri a diversos autores antropólogos e fotógrafos que me orientassem a pensar na melhor maneira de realizar esta etapa do projeto, do trabalho de campo e do contato direto com os sujeitos que registrei.

Dentre os autores aos quais recorri, estão Claudia Andujar, Rosane de Andrade, Sylvia Caiuby Novaes e Edgar Kanaykõ, que servem de inspiração e referência durante todo o desenvolvimento deste produto. Todos eles apresentam noções de narrativas que colocam as imagens como elementos tão importantes quanto os textos. A construção dessas narrativas me serviu de grande inspiração, afinal, me propus a produzir um material onde a principal

linguagem é a fotográfica e é necessário transmitir, por meio das imagens, o conteúdo que um texto poderia explicar com algumas páginas.

Sobre o formato que escolhi, tomei como referência algumas formas de registro e contato praticadas por Claudia Andujar, em suas exposições sobre o povo Yanomami e por Edgar Kanaykō (2019), em sua dissertação de mestrado. Ambos são trabalhos nos quais reconheço uma “fotografia documental”, que busca capturar a realidade de forma autêntica, registra os momentos, lugares e histórias minimizando a interferência do fotógrafo na cena. Penso que, assim, a essência que procurei registrar será mais facilmente interpretada pelo leitor que, ao observar a fotografia, pode visualizar a cena como se fizesse parte dela.

Para a forma de abordagem e conexão com os sujeitos e ambientes que registrei, me inspiro em ideias apresentadas pelas antropólogas Rosane de Andrade e Sylvia Caiuby, praticadas por Claudia Andujar. Assim, para que este produto pudesse ser produzido, foi imprescindível que as pessoas que estiveram do outro lado da minha câmera sentissem segurança e conforto na minha ação de registrá-las e colocá-las em evidência ao longo do material. Os estudos antropológicos realizados pelas autoras mencionadas me deram um norte sobre a necessidade da conexão genuína com meu “objeto de estudo” para que o resultado final fosse um reflexo de um trabalho realizado sob as óticas do respeito à cultura estudada.

Para a realização efetiva do produto, tomei como referência inicial a produção da 35^a edição da Revista Curinga, com o tema Direitos Humanos. Nela, participei da criação do capítulo 6, no qual criamos a fotorreportagem “MST Transforma”, que é apresentada em uma espécie de galeria virtual, onde os textos se intercalam com as fotografias. A partir disso visualizei o meu produto em um formato parecido, visto que alguns textos sobre o povo Borum-Kren foram dispostos no intermédio das fotos. Outro fator em comum com a fotorreportagem é o enquadramento de algumas fotos, que reproduzi no fotolivro, enquadramento este que conta com plano geral, primeiro plano e primeiríssimo plano, com enfoques nos indivíduos em seus afazeres profissionais, em seus contextos de ocupação de espaços e nos elementos que carregam e que remetem à ancestralidade que os acompanha.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se o encontro entre a fotografia enquanto linguagem visual e a Antropologia, como campo de conhecimento voltado ao estudo e compreensão das culturas humanas. Aqui trabalhei o interesse, de ambas as áreas, pelo registro e interpretação das mais diversas formas de existências no mundo, de forma que coloco o diálogo entre fotografia em Antropologia a partir da imagem como instrumento de observação, representação e resistência.

Com análises de autores como Sylvia Caiuby Novaes, Rosane de Andrade e Edgar Kanaykō, discuto o potencial etnográfico da fotografia, especialmente em contextos de luta e afirmação identitária dos povos indígenas. Ainda neste referencial, abordo a existência e o processo de etnogênese do povo Borum-Kren, como exemplo concreto de resistência cultural e busca pelo reconhecimento oficial. Assim, procuro evidenciar como a imagem e o registro fotográfico como memória podem atuar como forças propulsoras na reconstrução de uma identidade coletiva.

2.1. Fotografia e antropologia

As aproximações entre fotografia e antropologia são muitas. Um dos diálogos entre essa linguagem e esse campo de saber envolve o registro de pessoas inseridas em seus contextos culturais e, também, a análise da relação que nutrem com este meio em que vivem. Essa abordagem permite que o estudo seja feito em conjunto com a documentação de sociedades, grupos, culturas e práticas humanas e não tem como único objetivo produzir imagens, mas também explorar as relações entre a fotografia e o contexto social, cultural e histórico em que ela é produzida, tanto no âmbito antropológico quanto no etnográfico.

Dessa forma, o trabalho com as imagens está presente em diversos artigos com essa abordagem. De acordo com Sylvia Caiuby Novaes (2012), o uso da fotografia nos estudos antropológicos existe desde a invenção dessa técnica. Caiuby afirma que a fotografia é uma das primeiras invenções tecnológicas a despertar o interesse de antropólogos, se tornando um instrumento valioso utilizado nas pesquisas. Afinal, o registro fotográfico permitia “a exatidão, a verdade, a própria realidade” (Vide Rouillé apud Caiuby, 2012, p.11), promovendo maior precisão que desenhos e gravuras, por exemplo.

Apesar disso, Caiuby (2006) acredita que o uso da fotografia ainda divide opiniões e aponta a resistência de grande parte dos antropólogos para lidar com imagens, uma vez que há a crença de que as imagens podem capturar apenas aspectos superficiais da cultura retratada.

Há ainda, segundo a pesquisadora, a dificuldade de teorizar com palavras o que está registrado na imagem fotográfica. “A maioria dos antropólogos tem uma enorme resistência para lidar com imagens, por razões que quero também discutir e supõem não dispor de meios para lidar teoricamente com os dados que as imagens apresentam” (Caiuby, 2006, p. 46).

Lévi-Strauss, por exemplo, antropólogo francês considerado um dos grandes intelectuais do século XX, considera que a fotografia não passa de uma reprodução que não alcança o que o objeto registrado realmente é. Rosane de Andrade (2002) esclarece esse posicionamento:

A fotografia, no entanto, é apenas uma imitação, uma reprodução; registra paisagens, acontecimentos, sem chegar ao que eles realmente são, afirma Lévi-Strauss. Para ele, não podemos falar de arte, pois fotografia não é arte, é mecânica e documental. Eis o velho diálogo entre fotografia e arte: a pintura não pode ser substituída por um processo que não tem linguagem própria. Mas a fotografia mudou o comportamento do mundo! (Andrade, p.31, 2002).

Sobre este cenário, Sylvia Caiuby reforça que as imagens podem sim oferecer uma perspectiva rica e complementar à etnografia escrita, expandindo a análise para os aspectos visuais, além dos textuais, sem substituição. Em seu texto supracitado (2006), a professora retoma Descola (1993), antropólogo francês que atribui grande importância às imagens principalmente no início das pesquisas e nos primeiros contatos com a cultura estudada. Uma vez que ainda não se domina a língua falada, resta ao antropólogo se dedicar à observação de atitudes, uso do espaço, rituais, técnicas e contextos emocionais.

Embora os apontamentos de Strauss façam sentido, afinal, registros fotográficos podem limitar o entendimento da dimensão de uma comunidade, os estudos tanto de Caiuby quanto de Andrade trazem maior abrangência para o alcance da fotografia.

Segundo Caiuby, o uso das fotografias em cenários de pesquisa etnográfica acaba por ter um duplo impacto: sobre o espectador e sobre a própria etnografia. Para o espectador, seja ele um etnólogo ou um público mais amplo, possibilita um acesso emocional ou sensorial que o texto não pode proporcionar. Já para a etnografia, oferece uma dimensão da realidade que é silenciada na literatura acadêmica. A respeito dos estudos da autora, focados no funeral Bororo, ela esclarece:

Há, portanto, um duplo impacto das imagens do funeral Bororo: por um lado sobre o espectador que as observa, seja ele um etnólogo ou um mero observador. Por outro lado, estas são imagens que têm enorme impacto sobre a própria etnografia desta sociedade, pois trazem uma realidade sobre a qual a literatura tem se calado (Caiuby, 2006, p.49).

Quando se pensa na fotografia como instrumento de pesquisa antropológica e etnográfica, é fundamental pensar também na arte de olhar, entender os olhos como “janelas da alma”, que podem perceber a beleza das coisas, que se chocam e se comovem com a realidade ou mesmo se mantêm indiferentes. Andrade (2002), destaca o papel e a participação do observador na relação com a coisa observada e, é a partir desta relação, que se estabelecem os paralelos entre antropologia e fotografia. Além disso, destaca como uma imagem, quando produzida com cuidado, contribui para essa interação. Tal imagem surge quando o observador se coloca atento ao que observa e aos sentimentos que sente despertar em si no processo. Sobre isso, Andrade explica:

(...) A experimentação de certos sentimentos que o outro nos desperta em momentos da pesquisa pode transformar-se num apoio importante para a antropologia e para um conhecer mais aprofundado do grupo. Da mesma forma, a fotografia, como um meio de expressão, pode nos fornecer uma visão ampliada das coisas alheias (Andrade, 2002, p.26).

Ou seja, assim como a fotografia captura e amplia aspectos do que está sendo observado, a experiência emocional do pesquisador também pode aumentar sua compreensão do grupo estudado, oferecendo uma visão mais detalhada e sensível das situações e dos sujeitos. Em resumo, envolver-se emocionalmente durante a pesquisa pode permitir um olhar mais rico e profundo sobre o objeto de estudo e, a partir disso, o fotógrafo potencialmente oferece um registro mais plural da realidade.

Andrade menciona ainda Roger Bastide, sociólogo francês que esclarece esse envolvimento do pesquisador. “Para ele, o etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver em si próprio a principal cultura que se estuda” (Andrade, 2002, p.28).

A fotógrafa suíça Claudia Andujar, naturalizada brasileira devido à sua dedicação à luta Yanomami no país, é um exemplo da importância desse envolvimento para a qualidade do trabalho. Ao documentar tradições marcantes desse povo, relacionadas à religiosidade e ao modo como compreendem o mundo, Cláudia está envolvida nesta causa desde a década de 70. Já desenvolveu diversos projetos que foram exibidos nos mais diversos espaços de exposição, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e a Galeria Vermelho, também em São Paulo. Seu olhar respeitoso e artístico segue contribuindo significativamente para a preservação e sobrevivência dos Yanomami, que seguem constantemente ameaçados pelas atividades de garimpo ilegais.

A obra de Claudia sobre os Yanomami foi realizada principalmente até os anos 80, quando sua atuação como fotógrafa foi diminuindo devido à sua mobilização em prol da

demarcação territorial desse povo. Porém durante essa década, entre os anos 70 e 80, seu trabalho expôs questões relevantes da fotografia contemporânea dentro da iconografia dos povos indígenas brasileiros. Sua abordagem visual trouxe uma perspectiva do seu posicionamento pessoal para os principais campos fotográficos, como fotografia documental clássica, fotografia etnográfica e fotojornalismo, juntando seus objetivos documentais a um grande cuidado estético.

Este desempenho da fotógrafa nesta luta é detalhadamente abordado em um projeto do fotógrafo Leonardo Wen, desenvolvido em 2013 com o tema “Indígenas na fotografia brasileira”, no qual se encontra a seção “Anos 1960-hoje: Fotografia documentária Contemporânea” que conta com o tópico “Claudia Andujar: a etnopoética da imagem” na aba de fotógrafos. Neste material, se encontram trechos de entrevistas realizadas com Claudia, nas quais ela desenvolve sobre seu interesse sobre o tema da justiça para as minorias e suas motivações para agir de forma efetiva na causa, combinando isso à sua preocupação estética nos momentos de registro:

(...) Mas existe também o outro lado, que é a estética, o equilíbrio, presente nas minhas imagens. Nem sempre o lado social pode se juntar ao lado estético. Eu sofro por isso. Quando consigo juntar as duas coisas, me sinto aliviada (Andujar in Persichetti, 2000, p.15 apud Wen, 2013).

O povo Yanomami se viu muito mais próximo da sobrevivência após todo esse empenho da fotógrafa suíço-brasileira, esse tipo de causa resulta na urgência da investigação antropológica, que surge junto com a necessidade de artistas fotógrafos registrarem e representarem o mundo desconhecido. Permitindo, assim, que a sociedade se reconheça culturalmente nestas fotografias, é o que diz Gisèle Freund (1974, p.82 apud Andrade, p.52, 2002),

É inevitável manter essa discussão acerca da fotografia antropológica no âmbito das relações entre o observador e o observado e, por isso, voltando ao livro de Rosane de Andrade (2002), é importante analisar o seguinte questionamento: “Será que o observador, na fotografia e na antropologia, é movido pela mesma intenção de apreender do objeto tudo que se pode enxergar?” (p. 28).

Na fotografia, a imagem surge a partir de um olhar artístico, subjetivo, busca mais transmitir uma sensação, ou uma mensagem, do que uma representação objetiva do que se enxerga. O observador, na posição de fotógrafo, pode escolher destacar certos elementos, como luz, composição ou expressão, o que reflete mais sua visão pessoal do que comprehende

e analisa completamente o objeto retratado. Tal compreensão será alcançada na junção da imagem com a parte textual. Rosane explica:

(...) se a imagem nasce da observação de uma realidade que está contida em uma estrutura cultural, ela vem carregada de significados, de fragmentos que deverão ser moldados em um relato único e revelador. A imagem comunga com o texto para nos fazer melhor compreender e elaborar uma análise desses significados (Andrade, p. 52, 2002).

E na antropologia, o observador, na posição de antropólogo, não busca apenas ver, mas entender o contexto, os significados e as dinâmicas por trás das ações e crenças do povo que está sendo estudado. O objetivo, ao envolver o processo de imersão, coloca o antropólogo, ou o etnólogo (como citado anteriormente), na busca por enxergar o mundo na perspectiva da cultura, sociedade, ou grupo estudado, procurando um entendimento mais profundo do que se observa.

A junção desses dois posicionamentos é o que tentamos entender como fotografia antropológica, na qual o fotógrafo, no processo de registro, o faz a partir do entendimento mais completo possível da cultura representada.

Outro valioso exemplo é Edgar Kanaykō Xakriabá, indígena, filósofo e antropólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e fotógrafo. Para seu mestrado em Antropologia, produziu a dissertação *Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente* (2019), no qual aborda a importância da garantia de um território, da manutenção do povo e de suas identidades, bem como a primordialidade dos símbolos, pinturas corporais, adornos e rituais na cultura indígena, além do papel e impacto da fotografia e cinegrafia no movimento indígena ao longo de todo o documento. A partir da sua visão de fotógrafo, ele discute e analisa o processo de registro e a relação criada com os sujeitos retratados.

Kanaykō se difere dos estudiosos mencionados anteriormente uma vez que toda reflexão feita por ele reflete seu ponto de vista indígena, de alguém já inserido, ou mais próximo, das culturas que registra. Ainda assim, o antropólogo se alinha com os demais quando reforça a ideia de se colocar na perspectiva do outro, algo que ele comenta já ser recorrente no mundo Indígena, o ato de adquirir atributos de outra cultura para si.

Em vários momentos o autor coloca a fotografia e o audiovisual em geral como uma ferramenta de fortalecimento das lutas e da cultura já que, segundo ele, a imagem captada tem grande influência para o povo indígena, “pois ela está sempre além daquilo que os olhos podem ver” (Kanaykō, p.54, 2019). Por isso a separação entre a antropologia escrita e a antropologia de imagem não é tão recorrente no texto de Kanaykō quanto nos outros textos

analisados e, inclusive, ao pensar sobre os mecanismos de uma câmera fotográfica, ele resgata o conceito de que “o fotógrafo é aquele que escreve com a luz” (Kanaykō, p.81, 2019). O autor menciona este conceito mediante a análise da etimologia da palavra “fotografia”, porém, após as diversas discussões acerca da melhor forma de abordar os estudos antropológicos, essa ideia é interessante, como se colocasse o fotógrafo na posição de capacidade de dizer tudo que for necessário apenas com a imagem.

Na cenografia, por exemplo, Kanaykō atribui à câmera a capacidade de capturar coisas que nós, enquanto humanos, podemos não conseguir, mesmo construindo a relação entre capturador e capturado, mesmo tendo a permissão para ver e conhecer o outro:

Podemos perceber que “ser visto” é se mostrar para o outro, se apresentar, fazer conhecer, sobretudo, criar relação. Ver o outro é capturar e ser capturado. Nesse sentido, o olho da câmera tem o poder de enxergar - a partir do ponto de vista do cineasta - e capturar aquilo que se está fora do campo da nossa visão enquanto humano (Kanaykō, p.90, 2019).

O ato de fotografar em um ambiente ao qual o fotógrafo não pertence é o que impõe a ele a necessidade de criar novas relações e gerar trocas, é nesse processo que o registro imagético exerce um papel tão importante na luta dos povos indígenas. Afinal, no Brasil principalmente, a imagem que se tem do indígena levando em conta o imaginário nacional reforça um estereótipo que os indígenas lutam há muito tempo para desfazer. É nesse contexto, então, que a fotografia se coloca como ferramenta fundamental para expor a realidade verdadeira da cultura indígena, Edgar esclarece que “a imagem ali representada pela fotografia é mais que uma lembrança ou algo que ativa a memória, é, sobretudo, a possibilidade que se tem de ser reconhecido pelo outro” (Kanaykō, p.98, 2019).

Ou seja, o sujeito que está no lugar de fotografado quer, mais do que ser registrado, ser enxergado em sua essência autêntica, de maneira fiel à conjuntura em que vive e honrando toda a memória ancestral que o acompanha, junto com todas as desconstruções e transformações de imagem constantes, algo que todo ser humano está submetido e, por isso, para a imagem do indígena não seria diferente. Dessa forma, o fotógrafo que se encontra nessa função também se submete a um autoconhecimento que o permite ser atravessado por toda a representatividade que cai em suas mãos. O autor comenta:

Nesse sentido, a imagem como ferramenta de resistência, é antes de mais nada a própria resistência ao tempo e à memória. Ela proporciona a oportunidade de conhecer o outro e a si mesmo através do tempo capturado pelo corpo-câmera. Sabendo do poder que a imagem possui, a pessoa quer se mostrar a partir de como ela se sente representada (Kanaykō, p.100, 2019).

Dito isso, para que essas imagens sejam bem construídas e o resultado satisfatório, num sentido geral, a relação entre fotógrafo e fotografado é o principal fator. E como já discutido a partir de todos os discursos a respeito de etnografia aqui mencionados, estas relações se dão através do contato que se alcança com o objeto estudado. Já no âmbito das comunidades indígenas, através das vivências, da interação com os sujeitos daquele cenário como os pajés e da construção do parentesco e do ser parente.

É possível concluir, então, que a fotografia antropológica é uma ferramenta valiosa para registrar e compreender as interações humanas no contexto cultural, social e histórico em que estão inseridos. Apesar das críticas e questionamentos sobre sua capacidade de capturar a profundidade de uma cultura, a fotografia se destaca como meio complementar à etnografia e antropologia escrita, já que proporciona uma dimensão visual que pode evocar emoções e significados que o texto não alcança sozinho.

Pesquisadores e fotógrafos como Claudia Andujar e Edgar Kanaykō mostram que a fotografia vai além de um mero registro técnico. Se torna um meio de resistência, representação e expressão cultural, capaz de conectar o observador e o observado, permitindo uma troca rica e significativa. Quando feita com sensibilidade e respeito, a fotografia antropológica promove não apenas o entendimento de outras culturas, mas também um processo de autoconhecimento e uma reflexão profunda sobre a diversidade humana. Assim, a fotografia, ao fotografar e valorizar o outro, contribui para a construção de um olhar mais humano e plural sobre o mundo.

Como encerramento, Edgar diz em sua dissertação:

A fotografia fala, se preciso também grita. A fotografia se cala, conduz e anuncia, revela e relata, se necessário denuncia. Por muito tempo vivemos o ponto forte da oralidade, hoje ela se fortalece com a escrita e se embeleza com a imagem. Ela atravessa os olhos dos povos indígenas, a imagem que revela cada especificidade, no mais simples da simplicidade. A fotografia revela o ser, fortalece o saber, e principalmente, ensina a aprender (Kanaykō, p. 114, 2019).

2.2. Comunidade Borum-Kren e o processo de etnogênese

O fenômeno “etnogênese”, designado pela antropologia, busca descrever a constituição de novos grupos étnicos e é reconhecido como um processo social. De acordo com o historiador José Maurício Arruti (2001), termos como grupos “emergentes”, “ressurgentes”, “ressurgidos”, entre outros, acabam por tornar esses conceitos categorias de identificação. Como se os indígenas fossem submetidos a uma categorização baseada na

existência de povos “menos” ou “mais” indígenas que outros. Quando na verdade, deveriam se tratar de categorias criadas para descrever processos sociais e históricos, ou seja, são termos criados para descrever fases e processos, não identidades permanentes.

Já a etnogênese, consiste justamente no processo pelo qual um grupo se forma e se reconhece como uma comunidade cultural étnica distinta. Quando usamos “emergente” ou “ressurgente” de forma fixa, deixamos de reconhecer que esses grupos são dinâmicos e têm uma história em constante transformação. Isso pode limitar nossa compreensão sobre eles, reduzindo sua complexidade a rótulos estáticos.

O autor aborda também o conceito de “invenção cultural”, referente à criação de elementos culturais como símbolos, mitos e práticas que não deixa de ser importante mas não é o principal. No processo de etnogênese, o foco deve estar nas razões, meios e processos que permitem a um grupo se consolidar e afirmar sua diferença em relação aos outros, além de entender como um grupo estabelece uma ruptura (descontinuidade) em um contexto onde antes parecia haver continuidade (homogeneidade). Arruti explica:

Como na definição de grupo étnico, a “invenção cultural” não é desimportante para a análise da etnogênese, só não é o teoricamente mais relevante. No seu lugar, importa compreender as razões, os meios e os processos que permitem um determinado agregado qualquer se instituir como grupo, ao reivindicar para si o reconhecimento de uma diferença em meio à indiferença, ao instituir uma fronteira onde antes só se postulava contiguidade e homogeneidade (Arruti, p.50, 2001).

O historiador Adriano Toledo Paiva (2009) também discute os fatores envolvidos na etnogênese. Ele reforça a definição de que esse conceito se trata da criação ou transformação de uma identidade cultural ao longo do tempo, no qual um grupo de pessoas passa a se identificar e se reorganizar culturalmente, perante a influência de fatores externos e internos, segundo ele, “O processo de etnogênese constitui uma reconfiguração cultural e identitária dos indivíduos ou de uma comunidade perante processos endógenas e exógenos a estes” (Paiva, p.3, 2009).

Além disso, em ambos os textos, Arruti e Adriano colocam como necessária também a análise das ações de etnocídio que seguem as comunidades, ou então seria impossível estudar os processos de etnogênese. Ou seja, o etnocídio, enquanto processo de destruição de culturas que vão de encontro aos valores tradicionais da cultura dominante de uma sociedade, geralmente promovido por ações do Estado, está diretamente contrário à etnogênese que, como movimento de resistência, luta por reconhecimento de identidades coletivas e por direitos em um contexto de opressão e desrespeito. No texto Arruti explica:

Se o etnocídio é o extermínio sistemático de um estilo de vida, a etnogênese, em oposição a ele, é a construção de uma autoconsciência e de uma identidade coletiva contra uma ação de desrespeito (em geral produzida pelo Estado nacional), com vistas ao reconhecimento e à conquista de objetivos coletivos (Arruti, p. 51, 2001).

Em resumo, a etnogênese é um processo social complexo que vai muito além da invenção de tradições culturais, está ligada à construção de identidades e resistência em meio à violência e ao apagamento histórico. É uma maneira de afirmar a diferença e construir identidades coletivas frente à negação, descaso e afronta por parte de forças externas.

Desde 2002 o processo de etnogênese vem sendo exemplificado pela comunidade Borum-Kren, oficializados e reconhecidos em 2019, vivem distribuídos pela região dos inconfidentes, pelas cidades de Ouro Preto, Mariana e Itabirito e seus respectivos distritos. Originários da região da bacia hidrográfica dos rios Doce, das Velhas e Paraopeba, eram conhecidos por diversos nomes atribuídos por pessoas não indígenas, dentre eles: cataguases, guarachues, batatais, guaianazes do velhas, aymorés e o mais popular, botocudos.

O termo oficial surgiu a partir do contato com os mais velhos da comunidade, no qual as palavras botocudos, borum (gente) e kren (cabeça), eram reconhecidas pelos ancestrais e significam povo que tem a cabeça que cuida.

Segundo Danilo Borum-Kren, cacique da comunidade, a cultura mateira, ou seja, de quem vive na mata, é muito significativa para esse povo, que é basicamente do campo. Sendo assim, a preservação das florestas é determinante para que seus costumes sejam perpetuados, dentre eles fabricação de medicamentos e artesanato. Além disso, parte da herança está na vida nômade dos ancestrais, que andavam pelas matas e pela região da cabeceira da bacia hidrográfica mencionada.

A luta pela preservação dos parques e rios é contínua, porém, atualmente a comunidade Borum-Kren ainda não conquistou sua terra demarcada e, por isso, os parentes vivem espalhados pela região.

A liderança de Danilo foi reconhecida em maio de 2022, pelo Conselho Municipal de Igualdade Racial (COMPIR/OP). Dessa forma, o pedido pelos estudos de identificação de terras, iniciado em 2021, ganhou continuidade e a comunidade seguiu no aguardo de uma conversa oficial com o Estado.

Por serem um povo reconhecido recentemente, ainda enfrentam alguns empecilhos a nível estadual e, por isso, um de seus maiores desafios atuais é a falta de visibilidade na sociedade, o que faz do apagamento histórico um risco real. Consequentemente, a luta pelo marco territorial se intensifica, sendo este o maior objetivo da comunidade hoje. Afinal, o

território para os povos indígenas é como uma garantia de que sua existência é reconhecida e, por isso, junto da busca pela demarcação de terra, os Borum-Kren têm a intenção de seguir com o processo de Etnogênese, no qual o povo dá sequência a sua auto identificação cultural e continuam se organizando como comunidade ao longo do tempo, até que sua existência seja reafirmada perante o Estado e o processo de retomada de terras avance.

Em setembro de 2024 o pedido de Danilo, feito em 2021, pela visita oficial do Estado teve retorno, quando alguns servidores da Fundação Nacional de Povos Indígenas foram até Antônio Pereira, onde Danilo e alguns outros parentes vivem. Essa área, em específico, é uma das regiões mais impactadas e ameaçadas pela mineração, o que faz com que os habitantes já tenham diversos direitos violados. Um dos integrantes da Funai, o historiador e indigenista Pablo Matos Camargo, esclareceu, em entrevista para o Instituto Guaicuy (2024), que o objetivo inicial dessa primeira visita é entender as principais demandas, a história e o território ocupado pelos Borum-Kren.

Segundo Danilo, essa visita marca o início de um processo de melhoria para o povo, visto que já significa uma forma de reconhecimento oficial do Estado. Muitos trabalhos estão por vir a partir de agora e a etnogênese do povo Borum-Kren se concretiza no caminho.

Projetos em andamento já exemplificam esse processo. Em abril de 2023, a Semana dos Povos Indígenas (SPI) teve como tema *Povos originários: alteridade, violências e protagonismo* e, dentre os projetos apresentados, estava *Entroncamento indígena-arqueológico: interação e resgate cultural Borum-Kren*, de autoria de Matheus Lucas Arcanjo, Sérgley de Matos Neves e Danilo Antônio Campos da Silva. No documento em questão, os autores abordam as conexões que o povo Borum-Kren vem estabelecendo com acadêmicos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O interesse dos indígenas por maior conhecimento sobre as cerâmicas arqueológicas do contexto territorial historicamente ocupado pelos Borum-Kren foi o que motivou a aproximação com os estudiosos da UFMG. Esse movimento teve início em 2022, com o contato dos Borum-Kren com o Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria (GESTO), o que permitiu que uma colaboração mútua entre ambas as partes se estabelecesse. Essa curiosidade a respeito das cerâmicas mostra que a herança de símbolos materiais deixados pelos antepassados é tão importante quanto a história oral e auxiliam na manutenção e no reforço da identidade indígena desse povo. Se percebe então, nesse movimento, o reconhecimento dos elementos que fazem da comunidade Borum-Kren o que ela é, sendo parte de um processo de (re)construção de identidade e um movimento contra o

apagamento histórico, fatores que definem a etnogênese aqui abordada. No material apresentado na SPI, os autores esclarecem:

Ter a oportunidade de restabelecer contato com os fazeres herdados por alguns ao longo do tempo, por meio das práticas, é de grande valia para os indígenas ressurgentes que, apesar de muitas vezes não ter as referências culturais no presente, tal como foi no passado, buscam reestabelecer identidades mesmo após os movimentos de catequização (MATTOS, 2002), e outras mazelas da colonização. Violências que se modificaram ao longo do tempo e que aparentemente são planejadas para efetivar o etnocídio (...) (Arcanjo *et al.*, p.2, 2023).

Em conclusão, o processo de etnogênese dos indígenas Borum-Kren é um caso de resistência cultural e de reafirmação de identidade coletiva em meio a desafios tanto históricos (que perduram até hoje) quanto contemporâneos. Durante a busca pelo reconhecimento e pela recuperação de suas terras, a comunidade não apenas luta pela preservação de sua cultura, mas também pela visibilidade e legitimação diante das forças externas que tentam apagar sua história e existência. Como exemplo, o fortalecimento de sua identidade, através do contato com as cerâmicas arqueológicas e a colaboração com acadêmicos da UFMG, reflete um movimento contínuo de resgate às suas raízes, que é fator central para o processo de etnogênese.

Nesse contexto em específico, a luta por território e a manutenção da cultura mateira são elementos essenciais para garantir a perpetuação da comunidade, reforçando que a etnogênese é um processo dinâmico de construção e afirmação, indispensável para o fortalecimento da identidade e resistência frente ao apagamento e à violência histórica.

3 PROCESSO PRODUTIVO

Este capítulo apresenta o processo criativo e produtivo dos registros que compõem o material aqui apresentado. Aqui conto detalhadamente como a concepção do projeto surgiu, a partir da escuta e das trocas de experiências que tive com o povo, que me permitiram compreender a importância de captar a ancestralidade e o cotidiano de forma respeitosa e fiel a realidade. No texto também descrevo as escolhas técnicas e as narrativas desenvolvidas durante as captações e a montagem do produto, sempre a partir do enfoque na relação entre a cultura ancestral e a resistência cotidiana manifestada no dia a dia da comunidade Borum-Kren.

3.1. A Concepção

A idealização do produto foi se concretizando ao longo do processo de produção, mais especificamente, ao longo dos encontros e trocas de ideias com cada pessoa da comunidade às quais recorri. Não vejo como poderia ter sido diferente, afinal, é importante o contato direto com o próprio povo para o entendimento sobre esse povo. Por isso, por mais que eu já tivesse um objetivo em mente e uma ideia de abordagem para o material, só pude tornar concreto o conceito trabalhado aqui a partir dessa escuta.

A concepção do conceito final se deu quando entendi que o processo de retomada pelo qual os Borum-Kren estão passando se dá por muitos caminhos e, eu, com o objetivo de registrar esse processo por meio de imagens, precisava ver ele acontecendo em diferentes contextos. Ou seja, foi importante que eu visualizasse antes, no momento em que conheci cada um da comunidade com quem conversei, como esse processo e a ancestralidade individual se manifesta no cotidiano de cada um.

Foi por meio das conversas que comprehendi que a retomada vai acontecendo no dia a dia, nas sutilezas, na resistência cotidiana de ocupar espaços que um dia foram negados a todos que se afirmassem indígenas perante a sociedade dominante ocidental. A partir disso percebi que meus registros deveriam ser fiéis a esse processo, que não caberia a mim tentar interferir na rotina de nenhum deles para que eu pudesse captar momentos que idealizei antes de conhecê-los. Por exemplo, nos meus planos iniciais, seria indispensável registrar os locais onde moram, saber da rotina de cada um para então identificar elementos que remetessem à vivência da ancestralidade associada ao processo de etnogênese e retomada.

Por volta da terceira conversa percebi que esse ideal não só dificultaria o desenvolvimento do projeto, uma vez que demandaria uma compatibilidade de rotinas entre mim e cada um deles. Se eu tivesse me prendido às minhas idealizações anteriores aos contatos iniciais, os registros acabariam por documentar algo distante da realidade. Afinal já tinha ficado claro que era justamente no cotidiano que a retomada acontece, pouco a pouco. Um dos meus objetivos principais é mostrar que todos vivem rotinas que os permitem estar inseridos no sistema ocidental vigente, mas sem deixar que toda a conexão ancestral que os guia se distancie.

A partir desse entendimento estabeleci como narrativa principal o registro da vivência e manifestação da cultura ancestral que eu identifiquei, em cada um dos parentes com quem me conectei, no cotidiano de cada um. Além de abordar, sutilmente, o conceito de “corpo território”, atrelado ao fato de que, enquanto a demarcação de terra não acontece, carregam o território em seus corpos, por todos os locais que ocupam. Sendo assim, foi dessa narrativa que surgiu o título “Um olhar sobre a Ancestralidade Borum-Kren”.

Um pouco mais de um mês após as primeiras reuniões dei início às captações. Todas as imagens presentes no material foram feitas com a mesma câmera, minha Canon EOS Rebel SL2 e a lente 18 - 55mm. O primeiro momento foi na oficina de Arco e Flecha, onde fiz fotos com foco no grupo, nas atividades manuais, na oficina acontecendo e nos adornos que estavam utilizando no dia. Coloco aqui alguns dos registros, já tratados e editados, mas que não aparecem no fotolivro:

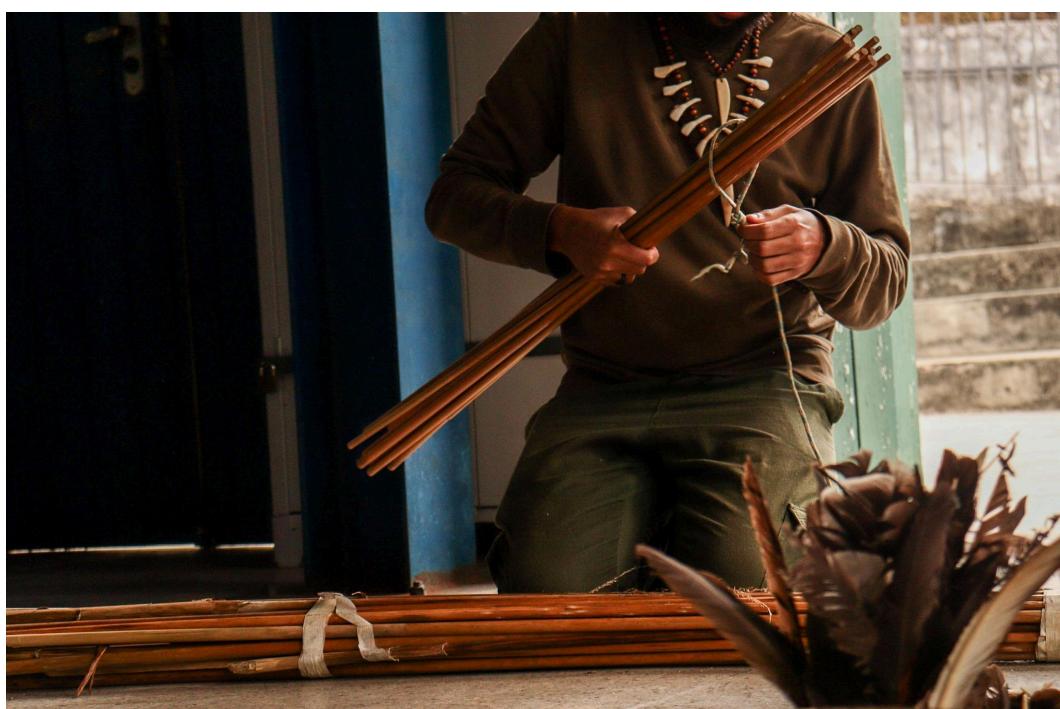
Figura 1 - Materiais para a confecção das flechas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: No canto superior esquerdo, as mãos do cacique Danilo organizam a disposição dos materiais, ao centro, o facão com a capa marcada pelo nome “Borum-Kren”, junto de uma trena e um serrote. No canto inferior da foto, estão as penas usadas nas flechas.

Figura 2 - Manuseio das futuras flechas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: A foto mostra Daniel, do pescoço para baixo, soltando uma corda que prendia as hastes de madeira que futuramente serão flechas. A nitidez da foto está em suas mãos e nos colares que utiliza. No canto inferior direito, em primeiro plano, estão algumas penas em desfoco.

Figura 3 - Os adornos



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: A frente, em desfoco, estão as mãos de Ananda, segurando uma tornozeleira, no meio estão as mãos de Wesley segurando em sua pulseira de miçangas e atrás, mais abrangente está o cacique Danilo com seu colar de dentes de javali.

Figura 4 - Confecção das flechas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: Da esquerda para a direita, Daniel, Ananda e o cacique Danilo, já no momento da oficina de fazer as flechas.

Nestas e na maioria das demais fotografias usei a mesma lente (18 - 55mm) e fiz o tratamento das fotos na mesma intenção de não alterar muito as características naturais de cada imagem. Isso pode ser observado, no livro, nas fotos do Festival da Terra de Piedade e da palestra do Daniel no ICHS. Já os registros do Encontro de Educadoras (es) Indígenas, Negras e Quilombolas, usei uma lente 80 - 200mm, pois precisava fazer fotos a partir de uma distância maior. Coloco aqui alguns registros da ocasião:

Figura 5 - Canto de saudação



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: Da esquerda para a direita estão Daniel, Luna (esposa do Danilo) e Danilo, cantando uma pequena música em língua indígena, introduzindo a apresentação de cada um como participantes do Encontro de Educadoras (es) Indígenas, Negras e Quilombolas.

Figura 6 - Na escuta



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: Aqui está Daniel, entre o público do Encontro de Educadoras (es) Indígenas, Negras e Quilombolas, ouvindo a mesa de abertura do evento.

Figura 7 - Plateia da mesa de abertura



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2025.

Nota: De costas, Luna e Daniel escutam atentamente a participação de Danilo em representação do povo no seminário, o destaque da foto é o cocar imponente de Daniel. Esta foto foi usada no fotolivro.

Todas as fotos utilizadas foram sendo tratadas ao longo das captações pelo programa Lightroom. Mesmo tendo feito as fotos com a câmera configurada no ISO (sensibilidade à luz), velocidade do obturador (tempo de exposição à luz) e abertura do diafragma (quantidade de luz que entra através da lente) ideais para cada ambiente, ainda foi fundamental tratá-las antes de colocá-las no material. Isso porque, de acordo com o que idealizei, foi importante aumentar o contraste de todas as fotos, regular o realce e sombra, aumentar a vibração e diminuir a saturação. O intuito era destacar as cores e dar às fotos um tom mais vibrante sem tirar as características naturais das fotos cruas (sem nenhum tratamento ou edição).

A escolha das fotos foi feita no momento da montagem do livro. Apesar das diversas tentativas de recorrer a programas de diagramação, o que mais me deu liberdade para ordenar as fotos de forma prática foi o Canva, onde acabei por estruturar o material do início ao fim. Assim, a primeira página que organizei foi a capa, pensada para despertar o interesse do leitor para abrir o livro e descobrir do que se trata, com o Daniel usando seu cocar posicionado de costas e a foto ao fundo em preto e branco com “BORUM-KREN” escrito em uma capa de facão no canto superior direito. A ideia é que a capa revele pouco do conteúdo, sugerindo que é preciso uma iniciativa para ter acesso ao que se trata, assim como para conhecer o povo.

As primeiras sete páginas convidam o leitor a observar os adornos como elementos culturais, que são usados por todos os parentes fotografados e estão presentes ao longo de todo o livro. Escolhi as fotografias que dão destaque aos brincos, colares, cordões para serem as primeiras, como forma de “ativar” o olhar do leitor para as próximas páginas onde estes elementos estão presentes mas não como destaque principal.

Uma das ocasiões mais especiais que presenciei foi a oficina de Arco e Flecha, organizada pelo Danilo para os parentes. Dentre todos os eventos que presenciei, este foi o único voltado exclusivamente para o povo, sem público, um momento de manifestação da cultura e de conexão com as raízes da comunidade. Por isso, além das primeiras imagens, que foram captadas nesse momento, achei importante dar destaque à própria ocasião, sendo o que fiz da página 11 à página 20.

A partir da página 21, convido o leitor a ver a ancestralidade que eu vi se revelar em locais de debates sociais e políticos, nos quais a presença do povo já se dá como ato político e de resistência. Nesses momentos, a utilização de elementos mais incisivos como cocar e grafismos é símbolo de força, e tem um impacto considerável na luta de retomada e reafirmação da toda a comunidade indígena, afinal, não deixa outra opção ao público presente a não ser a de reconhecer sua existência. Além disso, coloco também uma sessão de fotos, a partir da página 30, reservada à palestra sobre educação indígena, ministrada por Daniel, na qual ele, com tamanho domínio das palavras, fez com que todos os presentes entendessem e se sentissem tocados pelo saber ancestral e originário.

Por fim, achei fundamental mostrar o lado cotidiano e descontraído que pude presenciar com alguns. Então, a partir da página 39, o leitor pode ver registros mais leves do povo em momentos desprendidos de qualquer ato de luta, mas, que ainda assim, entendi como resistência, já que a própria existência de todos eles já é um ato político perante uma sociedade que tenta apagá-los.

Desde o início do livro os nomes das pessoas estão colocados apenas como forma de identificação de cada um para cada foto. Isso porque, ao final do material, separei um espaço, que se inicia na página 49: “Os Borum-Kren”, em que apresento cada um com seu nome completo de batismo e o nome reivindicado, na própria língua do povo (que está, aos poucos, sendo recuperada), daqueles que já reivindicaram um.

3.2. Diário de Produção

Aqui o diário está organizado pelos dias em que tive contato com membros da comunidade e/ou momentos de captação de imagem em eventos ou em dias marcados. A prioridade aqui é contar ao leitor como foi a evolução de ter os primeiros contatos com o povo e somente quase um mês depois conseguir fazer as primeiras captações. Aqui está descrito os encontros que tive com cada um deles e como o processo se desenvolveu para que surgissem as imagens do livro.

29 de maio de 2025

Primeira reunião com Matheus Arcanjo e Renan Mapa, via Google Meet para discussão do tema do projeto. Ambos os contatos me foram passados pelo cacique Danilo, quando estava procurando por pessoas da comunidade que pudessem fazer parte do material. A troca de ideias com os dois foi produtiva; apesar de morarem em outras cidades, se dispuseram a me ajudar com o que estivesse ao alcance deles. Nesses dois primeiros diálogos pude entender com mais clareza o processo pelo qual o povo Borum-Kren está passando, bem como reconhecer que é um movimento que se encontra no início e que o contato direto com as pessoas não seria tão fácil, principalmente com os mais velhos.

30 de maio de 2025

No dia seguinte, me reuni, também via Google Meet, com Bárbara Flores, professora e cientista indígena Borum-Kren, a qual, durante a conversa, fiquei sabendo que ela mora fora do Brasil. Portanto, a reunião teve a função de apenas discutir sobre o projeto e os objetivos que eu buscava alcançar, já que pensar nela como participante do material seria inviável devido a impossibilidade de nos encontrarmos.

03 de junho de 2025

Logo no início da outra semana, marquei uma reunião, presencial, com Danilo, cacique da comunidade, para pedir novamente por contatos que pudessem me ajudar na produção do material. Optei por encontrá-lo pessoalmente para conseguir ser mais clara com relação ao tipo de contato que eu procurava, que precisaria ser de pessoas com quem eu pudesse conversar na intenção de convidá-las a fazerem parte do produto final. Sendo essa participação, além de contato e conhecimento mútuo comigo, de forma imagética, caso aceitassem contribuir com os registros fotográficos.

4 de junho de 2025

A primeira fonte que contei a partir dos contatos que consegui com Danilo nesse último encontro foi Suélem. Marcamos uma conversa via Google Meet para que eu pudesse conhecê-la e vice-versa. No final das contas, uma viagem marcada a impediu de estar disponível para futuros encontros presenciais e não conseguimos avançar em sua participação.

6 de junho de 2025

Dentre as pessoas mencionadas por Danilo estavam Wesley e Ananda, adolescentes estudantes do Instituto Federal (IF) de Ouro Preto. Com eles, após me apresentar e explicar brevemente o projeto por mensagem, nos encontramos presencialmente no grêmio do IF para conversarmos. Foi meu primeiro contato direto com parte do povo, além do Danilo e após diversas conversas sem sucesso de desenvolvimento. Senti total abertura com os dois e que estavam disponíveis para contribuir com o material. Nessa reunião, me contaram como levam sua cultura e ancestralidade para o cotidiano, me disseram que costumam se desenhar com grafismos em sala de aula enquanto assistem às aulas, colhem ramos de alecrim na horta do instituto para fins medicinais e usam adornos diariamente como brincos e colares. Ficamos de combinar um dia para fazermos registros desses elementos nesse âmbito escolar, tanto na sala de aula quanto nas dependências do IF, a fim de trabalharmos a vivência da ancestralidade nesse contexto escolar e diário. No final das contas, empecilhos pessoais nos impediram de levar esse plano para frente.

11 de junho de 2025

Tanto Danilo quanto Wesley e Ananda me recomendaram muito a entrar em contato com Daniel Borum-Kren, que atua como professor substituto na Escola de Farmácia da UFOP. Assim fiz, e marcamos de nos encontrarmos nesse dia, numa quarta feira, lá na UFOP mesmo. Conversamos por mais de uma hora, foi uma troca extremamente rica e pude realmente sentir que meu trabalho teria uma relevância não só acadêmica, mas como uma ferramenta importante e única para o povo que, até então, não possui esse tipo de registro sobre sua existência. Durante a conversa Daniel me contou sua história mencionando sua caminhada até ali e seu contexto familiar, me explicando como a consciência a respeito de sua ancestralidade foi sendo adquirida e desenvolvida.

Desde então Daniel vem sendo extremamente solícito e se mostra tão empolgado quanto eu para a produção desse material, está sendo uma fonte muito valiosa de troca de ideias.

14 de junho de 2025

Neste dia Danilo organizou uma oficina de Arco e Flecha, na Casa de Cultura Negra, para os parentes. Ele me convidou para esse momento em uma das reuniões que fizemos e enxerguei a ocasião como a primeira possibilidade de captação de imagens.

Aconteceu em um sábado a tarde, foi de fato o primeiro momento que fiz fotografias e tudo se encaixou, afinal quem estava presente era Danilo, Daniel, Ananda e Wes, que já me conheciam e sabiam das minhas intenções, então foi muito tranquilo estar com a câmera, afinal eu já não era uma estranha. Fiz mais de 100 fotos da oficina e, pela primeira vez, consegui colocar em prática parte do que eu vinha planejando visualmente para o material, como os enquadramentos, pontos de foco, tipo de iluminação e registro de elementos.

21 a 23 de junho de 2025

Durante esses dias aconteceu o Festival da Terra de Piedade, no qual pude trabalhar como fotógrafa. Recebi a proposta e aceitei ao saber que lá eu encontraria dona Cida e seu filho Silas, moradores do distrito de Piedade de Santa Rita e parte do povo Borum-Kren. Foram três dias de evento - sábado, domingo e segunda -, nos quais eu tirava fotos ao longo do dia, intercalando horários com a outra fotógrafa, Clara Lamacié, que foi também quem me indicou para o trabalho junto com ela.

Já no sábado, pouco depois que cheguei, identifiquei a Cida durante uma dinâmica de apresentação e, assim que fomos liberados, fui falar com ela, que estava junto de Silas, seu filho. Me apresentei, expliquei o que eu estava fazendo ali e falei do meu projeto, e fiz a proposta para que participassem. Os dois gostaram da ideia e aceitaram fazer parte. Assim, ao longo do dia, já consegui fazer alguns registros dos dois participando das oficinas já no primeiro dia.

No segundo dia, para a minha surpresa e alegria, ambos compareceram ao festival com grafismos pintados no corpo e outros elementos sutis, exatamente o que eu vinha observando nos outros parentes, como brincos e colares, além dos grafismos feitos com tinta de urucum. Eles foram assim justamente pensando na minha proposta e no que eu disse: que gostaria de registrar elementos da ancestralidade que eles carregam, o que, para mim, deixou a participação dos dois muito mais especial.

Ainda neste segundo dia pude conversar com mais calma com os dois e, em uma dessas conversas, Cida me contou brevemente sua história de vida e todo seu processo de se descobrir pertencente ao povo Borum-Kren. Foi muito emocionante, afinal, segundo ela, é

como se sempre soubesse de suas origens e sempre sentiu uma conexão muito forte com a natureza, mas tudo que sabia era que seu avô havia sido “pego no mato” e que dizer que tinha sangue de indígena seria um perigo.

Ao longo da programação do evento, fiz mais alguns registros dos dois ocupando esses espaços que pertencem.

27 de junho de 2025

Ao longo da semana, voltei a entrar em contato com Daniel, para que pudéssemos combinar um segundo encontro para troca de ideias e captações. Estávamos planejando um dia de vivência em sua casa na companhia de Ananda e Wesley, que no final das contas acabou não acontecendo por questões de logística. Porém, neste dia, sexta feira da semana, ele daria uma palestra no ICHS com o tema “Educação Indígena”. Ele me convidou a comparecer e eu fui, com a câmera na bolsa, sabendo que seria um ocasião rica em elementos para o meu material, e assim foi. A palestra em si também foi muito valiosa e para mim foi especial ter tido mais acesso às reflexões e aos saberes do Daniel acerca do movimento indígena e conhecimento ancestral de forma geral.

Foi um momento de muito conhecimento ancestral colocado em destaque, de forma que, o tamanho domínio das palavras de Daniel, fez com que a cultura originária fosse bem entendida e valorizada por todos ali presentes.

5 de julho de 2025

Neste dia aconteceu o 1º Encontro de Educadoras (es) indígenas, negras e quilombolas, em Barra Longa, mais especificamente no Quilombo de Gesteira. O evento tratou de questões ligadas ao rompimento da barragem de Brumadinho e ao descaso e negligéncia do governo para com a comunidade, que, na época, ficou soterrada na lama e os moradores tiveram de ser reerguer por conta própria, com o apoio uns dos outros.

Para dar abertura à programação, organizaram uma mesa de discussões da qual Danilo participou em nome de todo o povo e, com ele, foram sua companheira Luna e o Daniel. Todos eles ficaram só para este momento, mas foi o suficiente para que eu pudesse registrar sua presença naquele espaço, o qual eles ocuparam vestindo seus cocares e carregando resistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a concepção deste material não teria acontecido sem antes entender o que as autoras Andrade e Caiuby e os fotógrafos e escritores Kanaykõ e Andujar desenvolvem sobre o momento de contato com aquilo que se propõe estudar. O registro das imagens e as ocasiões de captação foram ricas e fundamentais para a construção do produto, porém, a conexão que pude criar com a comunidade foi única e valiosa e, também, o processo mais marcante de toda a produção. Isso porque objetivo nenhum teria sido alcançado se tudo que foi produzido não tivesse acontecido sem antes fazer com que todos fossem conquistados pela ideia de ser parte do projeto.

Desenvolver um material que depende tanto do encontro entre indivíduos me fez priorizar, inicialmente, o processo de contato. Para que eu pudesse materializar, em fotografias, o meu olhar, foi preciso cuidar de como ele seria construído. Nas referências teóricas em que me apoiei, fui muito tocada por conceitos que colocam os olhos como “janelas da alma”, como menciono no referencial a partir da leitura do texto de Andrade (2002). Afinal, foi com essas janelas que percebi a beleza da ancestralidade que busquei registrar e foi com essas janelas que me comovi com a realidade que espero ter contribuído, de alguma forma, para que, em breve, contemple melhor a comunidade Borum-Kren.

Esse trabalho, antes de tudo, é uma ferramenta pensada para o próprio povo Borum-Kren poder utilizá-lo como elemento de sua história, como um material de exposição da própria existência. Não foi produzido sobre a comunidade, mas sim feito com a comunidade, toda ideia aqui desenvolvida e toda imagem registrada e contemplada no livro surgiram a partir dos diálogos que aconteceram durante todo o processo de desenvolvimento.

Aqui, a fotografia foi além de um recurso para produção de imagens, foi uma forma de escuta, de percepção das pequenas manifestações da ancestralidade que se mostram no cotidiano. Pude ver acontecendo nas conversas, nos adornos, nas ações rotineiras e nos momentos de luta da comunidade e, para que o povo fosse representado de forma verdadeira sem estereótipos, foi fundamental desenvolver tudo isso a partir do contato com cada um e da observação movida pela intenção de enxergar para além dos olhos.

O processo de retomada está no início, por isso, hoje, quanto mais reconhecimento a comunidade tiver, mais promissor ele se torna. Como intenção futura, está o material físico, para que todos que participam do livro o tenham em mãos, com isso, além do produto digital, maior o alcance da existência dos Borum-Kren e, para eles, mais materializado se torna o processo. Ainda há muito a ser contado sobre o povo, no fotolivro que criei, está mostrado e

está escrito também, mas para uma leitura não convencional. Como dito em uma das passagens que mais me tocaram, “o fotógrafo é aquele que escreve com a luz” (Kanaykō, p.81, 2019), meu objetivo foi iluminar a existência do povo Borum-Kren com meu olhar, transmitido através da linguagem que escolhi, a fotográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro.** São Paulo: Educ, 2002.

ANDUJAR, Claudia. **Claudia andujar: a etnopoética da imagem** em Anos 1960-hoje: Fotografia documentária Contemporânea, Indígenas na fotografia brasileira, 2013. Disponível em:

<https://indigenasnafotografiabrasileira.org/claudia-andujar/>

ARCANJO, Matheus Lucas, NEVES, Sérgley de Matos, SILVA, Danilo Antônio Campos da. **Entroncamento indígena-arqueológico : interação e resgate cultural Borum-kren.** Anais da Semana dos Povos Indígenas: “Povos originários: alteridade, violências e protagonismo”, Universidade Estadual de Goiás, 2023. Disponível em:

<https://www.anais.ueg.br/index.php/spi/article/view/15557>

ARRUTI, José Maurício. **Etnogêneses Indígenas.** Povos Indígenas do Brasil, v.2005, p.50-54, 2001.

KANAYKÔ, Edgar. **Etnovisão: O olhar indígena que atravessa a lente.** Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade Federal de Minas Gerais, 2019.

MARQUES, Ellen. **Indígenas Borum-Kren de Antônio Pereira recebem técnicos da Funai no território atingido pela mineração.** Instituto Guaicuy, Povos e Comunidades Tradicionais, 2024. Disponível em:

<https://guaicuy.org.br/funai-em-antonio-pereira/>

NOVAES, Sylvia, Caiuby. **Etnografia e imagem.** São Paulo. Textos apresentados como exigência para o concurso de Livre-Docência na Área de Antropologia e Imagem. Departamento de Antropologia , FFLCH-USP, 2006.

NOVAES, Sylvia, Caiuby. **A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia.** São Paulo: Iluminuras, v.13, edição 31, 2012

PAIVA, Adriano Toledo. **Os conceitos de Etnogênese: uma abordagem historiográfica.** Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009.